

FATO OU *FAKE*(?): PROBLEMATIZAÇÕES PARA PENSARMOS A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE INFODEMIA

ALESSANDRO CAMARA DE SOUZA

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

DAGMAR DE MELLO E SILVA

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

LEILIANE DOMINGUES DA SILVA

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO: Esta é uma escrita/convite, especialmente para aqueles/as que estão envolvidos com a Educação. Nela apresentamos algumas análises teóricas a respeito de práticas evidenciadas na Cultura Digital, decorrentes de estudos cartográficos de Pesquisas de pós-doutorado e doutorado em andamento, que buscaram e ainda buscam refletir sobre os modos como temos apreendido as coisas do mundo contemporâneo. Procuramos trazer à cena alguns conceitos de teóricos da Cultura Digital, da Pedagogia de Multiletramentos e da Cultura Visual que estão citados ao longo do texto, com o objetivo de *dar a ver* ao leitor questões que possam contribuir para uma docência que restitua às nossas crianças e jovens o “Direito a Olhar”. Para tanto, utilizamos, também, como fonte, artigos científicos e autores clássicos para que, ao serem colocados em diálogo, propiciem uma experiência de leitura que promova contravisiualidades às visuaisidades hegemônicas do nosso tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Informação, Desinformação, *Fakenews*, Conhecimento.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa de pós-doutorado consolidada e de algumas outras de doutorado em andamento, nas quais temos procurado investigar os impactos das práticas cotidianas exercidas em contextos digitais e virtuais e suas consequências sociais e políticas no tempo contemporâneo. Por serem estudos que se orientam por referencial teórico-metodológico da cartografia (Deleuze, 1995), não é nossa intenção produzir uma resposta/verdade (Foucault, 2014), posto que a cartografia, enquanto método, consiste em acompanhar processos e produzir problematizações a respeito daquilo que investiga, compartilhando-as coletivamente, com o objetivo de disparar novas reflexões. É por esse motivo que pretendemos compartilhar os conhecimentos construídos ao longo de nossos percursos até aqui, como forma de partilha de um mapeamento aberto, móvel e passível de desdobramentos. Isto porque:

Deleuze e Guattari dão mais privilégio ao espaço do que ao tempo, ao mapa do que à árvore. Tudo é coextensivo a tudo. Assim as divisões só podem corresponder a placas, a estrias paralelas, com diferenças de escala, correspondências e articulações dos platôs, datados masco-presentes. Deleuze e Guattari concebem a

ontologia como geologia: ao invés do ser, a terra, com seus estratos físico-químicos, orgânicos, antropomórficos. Pois de que a terra é feita? Quem fez da terra o que ela é? Quem deu esse corpo à terra? Máquinas, sempre as máquinas (Ewald, 1995, aba do livro).

Deste modo assumimos aqui a função de pesquisadores em exercício de pensamento para *dar a ver* até onde nossos percursos já nos levaram, dando sequência a esta escrita.

"Fato ou *fake?*", *fakenews*, *deepfake*, dentre outras, são expressões que passaram a fazer parte do nosso vocabulário com uma considerável frequência, porém, esses novos usos da língua no senso comum parecem não conferir aos falantes uma emancipação política frente aos meios comunicacionais digitais que preponderam em nossa sociedade, indicando que estar atualizado e informado não está necessariamente relacionado ao uso atualizado de certas palavras.

Apesar de já existirem muitos estudos a respeito do tema, consideramos imprescindível continuarmos problematizando fenômenos decorrentes do impacto das tecnologias informacionais que transformaram significativamente as relações humanas no mundo contemporâneo. Dentre eles, destacamos a infodemia que, em especial, nos requisita a criar meios para contê-la. Trata-se do fluxo incomensurável de informações que se espalham pelas redes da internet, se multiplicando de modo tal que dificilmente se torna passível de qualquer controle. Diante deste fenômeno somos instigados a nos perguntar: o que significa estar informado? Informação é o mesmo que conhecimento? E a desinformação, como ela se situa nesse contexto?

Em décadas anteriores, especulava-se a respeito de uma suposta escassez de informação para as massas e que, quando estas estavam disponíveis, eram manipuladas por grupos corporativistas que concentravam os meios de comunicação sob seus domínios, difundindo versões manipuladas dos fatos sem favor de interesses econômicos e políticos, em detrimento da democratização das notícias e da veracidade dos fatos. Um exemplo muito propagado no final da década de 80 foi, ao nosso ver, a forma como a Rede Globo de Televisão trouxe para o cenário político o até então desconhecido governador de Alagoas Fernando Collor de Melo¹. Com o apoio desse conglomerado comunicacional que há muito tempo detém os maiores índices de audiência em TV aberta, Fernando Collor acabou se tornando presidente da República Brasileira, após 29 anos de uma ditadura militar sem podermos eleger democraticamente um presidente.

O ponto alto desse processo de manipulação ocorreu um dia antes das eleições, quando, no Jornal Nacional-principal telejornal brasileiro em audiência –, foram mostrados momentos do debate presidencial que havia ocorrido no dia anterior, sob uma edição que, em sua montagem, apresentava uma versão dos acontecimentos que favorecia claramente Fernando Collor em detrimento do candidato opositor, Luiz Inácio Lula da Silva, fato que favoreceu claramente a eleição do candidato de preferência deste conglomerado.

Nas décadas subsequentes, o acesso à informação tornou-se cada vez mais diversificado e acessível, principalmente com o advento da internet, que deu origem às redes sociais virtuais e aplicativos *Web App*². Se, por um lado, a diversificação dos meios de comunicação decorrente da complexidade tecnológica contribuiu para romper com

o monopólio das supostas verdades produzidas por esses conglomerados, por outro, nos deparamos com formas de agenciamentos indetectáveis que multiplicam e transformam notícias inverídicas em verdades que se disseminam através de *bots*³ e algoritmos⁴. Agora, qualquer um tem o poder de receber e compartilhar informações em tempo real, proporcionando uma sensação de democratização do conhecimento. Contudo, esse fenômeno também trouxe consigo desafios substanciais. A desinformação, alimentada pelo uso irresponsável dessas ferramentas, deu origem às chamadas *fakenews*-termo que, traduzido para o português, representa a disseminação de informações enganosas que podem ter impactos sociais muito nocivos em nossas vidas.

Diante do exposto, podemos inferir que o problema na manipulação das informações não residia apenas nos conglomerados que mantinham o monopólio da comunicação de massa, mas na falta de ética em favor de interesses escusos na produção e difusão de notícias que, com a expansão dos meios de comunicação, fez surgir uma nova forma demediatização⁵. Esse fenômeno foge de qualquer controle de manipulação e disseminação de informações falsas, algo muito mais nocivo para a sociedade, pois compromete a integridade da informação e mina a confiança pública em relação ao conhecimento científico, construído ao longo de nossa história civilizatória. Importante destacarmos que nossa intenção não se situa em olhar nosso legado histórico de forma nostálgica e incontestável; entendemos que cada tempo tem suas próprias características, o que faz necessário assentarmos nosso conhecimento do mundo por novas bases, mas, de modo algum, nos conformarmos com o estado como as coisas se apresentam a cada tempo histórico.

Em “Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil”, Galhardi, Freire, Minayo e Fagundes (2020) salientam que a falta de credibilidade por parte da população devido aos impropérios de algumas autoridades governamentais, comungada com a ansiedade e desconhecimento de muitas pessoas, fez com que as notícias falsas se espalhassem mais rapidamente, produzindo *fakenews* relacionadas à pandemia de covid-19. Esses autores afirmam que essa difusão de notícias falsas sobre medicamentos ineficazes invalidou e dissipou a credibilidade de boa parte da população nas vacinas, foi responsável pelo descrédito ou a perda de confiança nas instituições até então encarregadas de transmitir conhecimentos confiáveis para a população, como, por exemplo, a imprensa séria e comprometida com a veracidade dos fatos e a ciência, representada por pesquisadores e intelectuais. Tudo isso fez com que a desinformação fosse difundida mais facilmente, levando a óbito muitas vidas que poderiam ter sido poupadas.

Ainda de acordo com os estudos empíricos dos autores acima citados, as notícias falsas têm 70% a mais de chance de se difundirem do que as verdadeiras. Deste modo, as *fakenews* atuam induzindo as pessoas ao erro, manipulando a opinião pública, desprestigiando conhecimentos consolidados por instituições tradicionais de pesquisa, com o intuito de obter vantagens econômicas ou políticas. O que fazer então para combater essas notícias falsas? Como fazer com que a população saiba diferenciar as notícias falsas das verdadeiras?

A partir do que já foi tratado até aqui, fica evidente para nós que a democratização da informação não se traduz automaticamente em um cenário mais esclarecido. Pelo contrário, a disseminação irresponsável de notícias falsas pode

comprometer a confiança na veracidade de conhecimentos já consolidados. Diante desse desafio, torna-se imperativo desenvolver e promover uma cultura de responsabilidade no uso das plataformas digitais.

Neste artigo, defendemos que a educação para a mídia e a alfabetização digital constituem ferramentas cruciais para que as pessoas possam discernir entre informações legítimas e notícias falsas. Além disso, é necessário que as plataformas *online* adotem medidas efetivas para combater a propagação de desinformação, promovendo a transparência e a autenticidade das fontes.

O advento da internet e das redes sociais revolucionou o acesso à informação, democratizando-o de maneira sem precedentes. No entanto, a responsabilidade no uso dessas ferramentas nem sempre é um fator relevante na disseminação de informações, o que nos leva a questionar se há ou não uma democratização comunicacional no mundo contemporâneo. Ao nosso entender, o desafio atual encontra-se em equilibrar a liberdade de informação com a necessidade de preservar a integridade do conhecimento em uma sociedade cada vez mais conectada.

Nesse sentido, este artigo pretende promover problematizações a respeito das questões até aqui apresentadas e refletir a respeito de possíveis alternativas contra práticas que desinformam os atores sociais, produzindo visualidades que, segundo Mirzoeff (2016, p.745), “conectam autoridade e poder, naturalizando a referida conexão”. Segundo esse autor, a visualidade é um conceito que surge no início do século XIX e se refere a uma forma de visualização histórica, que legitima uma visão de mundo sob a ótica da hegemonia ocidental.

PROBLEMATIZANDO OS CONCEITOS DE INFORMAÇÃO FALSA E *FAKENEWS*

As discussões tecidas até aqui nos mostram o quanto estamos conectados por redes virtuais, e não seria exagero dizer que essas conexões intervêm em nossas visualidades ao ponto de organizar os espaços/tempos da vida contemporânea a partir de processos de subjetivação que, segundo Guattari e Rolnik (1986, p.31), “são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser de natureza extrapessoal, extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia)”.

Assim, as tecnologias digitais, através de dispositivos tais como: computadores, *smartphones*, redes sociais e aplicativos, ao serem incorporadas de forma incisiva em diferentes sociedades, imprimiram, nos diversos cotidianos, relações temporais fluidas, de acesso global, nos transportando ubiquamente pelos espaços/tempos da vida, em uma velocidade de frações de segundos, produzindo redes de comunicações que interseccionam uma infinidade de possibilidades de novas interações, criando novas práticas, valores, conhecimentos e subjetivações, fazendo surgir uma nova cultura: a cultura digital.

Porém, como já exposto, nossas questões não pretendem apenas apontar essas novas formas de interações que se criam e se difundem nas mais variadas redes de comunicação. Mas, principalmente, problematizar questões éticas e relações estéticas a respeito dos impactos que as mídias da cultura digital vêm produzindo em nossas

vidas. Pretendemos, portanto mapear conceitos como *fakenews*, informações falsas, desinformação, infodemia, dentre outros, a partir dos estudos da cultura digital, no intuito de contribuirmos para uma formação que consideramos emergente no tempo em que vivemos.

Deste modo, dando continuidade ao diálogo com Mirzoeff (2014), entendemos que o tempo contemporâneo tem produzido visualidades hegemônicas que nos destituem do “direito a olhar”, “um direito ao real” que reivindica autonomia sobre aquilo que vemos (idem, p.746). Motivo pelo qual apresentaremos a seguir alguns esclarecimentos conceituais com a finalidade de *dar a ver* ao leitor conhecimentos que possam contribuir para assegurar-lhe esse direito e, principalmente, inventar suas próprias contravisualidades que se contraponham às práticas informacionais que produzem um modo hegemônico de olhar.

Isso significa requisitar o reconhecimento do outro a fim de ter um ponto de partida para reivindicar um direito e determinar o que é certo. É a reivindicação a uma subjetividade que tem autonomia para organizar as relações do visível e do dizível. O direito a olhar confronta a polícia que nos diz, “chispem, não há nada para ver aqui”. Mas tem; nós o sabemos, e eles também (Mirzoeff, 2014, p. 746).

Em suas análises, Pinheiro e Brito (2014) tecem algumas considerações relevantes a respeito do conceito de desinformação. Esses autores sugerem que precisamos realizar um aprofundamento nas discussões sobre o tema indicando que a desinformação pode ser considerada um ruído ou ausência de informação, engano, logro, meio de alienação e de dominação. Nessa direção, eles enfocam o caráter manipulatório da desinformação que não se dá por uma postura ingênua dos responsáveis pela difusão das notícias. A desinformação seria o ato proposital de indução ao erro, influenciando alguém através da deturpação da verdade. Para esses autores: “mais do que um debate de cunho semântico, a incompreensão do que seja desinformação apresenta consequências [...] no tocante a adequada interpretação da própria informação” (Pinheiro e Brito, 2014, p.1).

Brisola e Bezerra (2018), por sua vez, sustentam a tese de que desinformação e *fakenews* são conceitos distintos. A desinformação situa-se além daquilo que é falso e já existia antes do advento das redes sociais, nasce ligada a projetos militares de contrainformação e espionagem e se capilarizou para os meios de comunicação e aparelhos privados e estatais. Portanto, pode estar presente nas revistas em quadrinhos, passando pelos livros de história e demais situações como discursos políticos e jornais de grande circulação, apesar de ter se reconfigurado em ambientes *online*.

Para esses autores, essa distinção conceitual é de fundamental importância, pois, se não for considerada em iniciativas legislativas, pode-se incorrer no erro de isentarmos de responsabilidade outros veículos comunicacionais cujos grupos corporativos midiáticos estão fora de ambientes virtuais. Segundo Brisola e Bezerra (2018, 3318): “[...] as confusões [...] sobre fenômenos como desinformação e [...] *Fake News* podem se mostrar vantajosas para grupos corporativos midiáticos [...] ações de suposto combate às *Fake News*, podem estar vinculadas a interesses de manutenção de hegemonia e monopólio desses meios de comunicação”.

Ao buscarem uma definição conceitual para o fenômeno das *fakenews*, esses autores se apoiam em Allcott e Gentzkow (2017, p.213), que definem este fenômeno como “sinais distorcidos e desconectados da verdade, que dificultam a visão da verdade ou do estado verdadeiro do mundo”. Segundo eles, as *fakenews* se caracterizam em seus modos de produção, formatação e intenção.

Podemos dizer que as *fakenews* constituem um fenômeno mais recente, específico dos meios digitais, motivo pelo qual se propaga facilmente e com grande rapidez. Manipula afetos e posicionamentos políticos e ideológicos, são intencionais e produzem distorções de notícias e informações se revestindo de alguma autoridade informativa.

Francesco e Leone (2020) salientam que o acesso às informações, a partir da disponibilidade aos meios digitais, produziram um excesso das mesmas, provocando mudanças no organograma das comunicações que, até então, se configuravam pela lógica–emissor, mensagem e receptor. Na nova constituição, o receptor interage diretamente com o emissor através de postagens nas redes sociais, a partir de trocas e produção de conteúdos, tornando-se, também, sujeito do processo de comunicação.

As autoras encaram essa mudança na lógica comunicacional positivamente. Uma vez que, para elas, “representa uma democratização dos meios de comunicação”, antes concentrados em grandes conglomerados midiáticos que, assim, perdem o oligopólio do poder. Contudo, o fator credibilidade ganha cada vez mais importância nesse ambiente difuso em que se realizam as trocas de informação, demandando dos profissionais da comunicação uma atenção maior ao checarem a veracidade das informações para que não difundam *fakenews*.

Sobre isso, afirmam as autoras:

A prática de checagem de informação dos conteúdos falsos, duvidosos ou tendenciosos, tornou-se importante no processo de combate às “Fake News”, pois conscientiza os leitores sobre os tipos de mentiras contadas com roupagem noticiosa. As agências ainda reforçam que “a checagem dos fatos é importante para a qualificação do debate público. (idem, p.2).

INFODEMIA: O QUE É?

No seu artigo “Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19”, Garcia e Duarte (2020) definem infodemia como um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente, em pouco tempo, devido a um evento específico, como aconteceu na pandemia do vírus SARS-CoV-19.

Aliás, podemos até fazer uma metáfora desse conceito a partir desse vírus que, em tempo acelerado, disseminou-se invadindo espacialidades em dimensões territoriais globais, nos isolando uns dos outros, só nos restando os contatos pelas janelas das telas dos monitores de nossos dispositivos digitais. Assim também se manifesta a infodemia.

Os rumores e a desinformação, bem como a manipulação das notícias, são extremamente difundidos através das redes sociais, como quando nós tomamos os

primeiros contatos em relação à ação do vírus em nossos corpos. O excesso de informações se torna conflitante, fazendo com que ficasse cada vez mais difícil encontrar caminhos que de fato nos ajudassem a encontrar saídas ou, pelo menos, orientações para escolhas seguras e pautadas no que não fosse *fake*, mas sim oriundo de conhecimentos certificados, e não de meras informações especulativas.

As autoras salientam ainda que esse conjunto imenso de informações produz um bombardeio de notícias através dos meios de comunicação eletrônicos disponíveis, provocando um adoecimento da população, que fica ansiosa, depressiva e perde a capacidade de tomar decisões.

A divulgação de informações claras, consistentes e baseadas em evidências é fundamental para o enfrentamento da vida contemporânea, assim como foi para o enfrentamento da pandemia. Contudo, nas mídias sociais, qualquer pessoa pode manifestar ideias ou compartilhar notícias, muitas vezes sem embasamento científico ou fonte confiável, sem qualquer controle sobre o conteúdo. A história nos mostrou que foi preciso vivenciar os engodos de oportunistas que visavam tirar proveito político e material da pandemia ao abrir possibilidades de ascensão de governos fascistas, ultraliberais de extrema direita, em detrimento de vidas humanas. Esse episódio serve de exemplo para que proprietários e responsáveis por grandes plataformas de mídia social sejam exigidos legalmente a privilegiar fontes oficiais de informações e bloquear conteúdos inadequados nas redes que estão sob seus domínios de capital.

A principal forma de minimizar os efeitos da infodemia, segundo Garcia e Duarte (2020), seria a orientação das pessoas para que verifiquem a veracidade das informações antes de difundi-las e utilizá-las como referência de uma suposta verdade, levando-as a compreenderem que a qualidade da informação deve ser priorizada em detrimento da quantidade.

As autoras afirmam que:

[...]em julho de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), reconhecendo a importância de responder à infodemia, promoveu a primeira conferência científica sobre o tema. Foram reunidos 110 especialistas, os quais concluíram que tal epidemia de desinformação requer uma resposta coordenada e multidisciplinar. Do mesmo modo que as autoridades sanitárias se apoiaram na ciência da epidemiologia para a tomada de decisões em resposta à pandemia, são necessárias ferramentas e intervenções baseadas em evidências para o enfrentamento à infodemia, baseadas na ciência da gestão de infodemias, denominada "infodemiologia" (Garcia e Duarte, 2020, p.12).

Nesse contexto, foram definidos quatro pilares para a gestão das infodemias: (1) monitoramento de informações (vigilância); (2) fortalecimento da capacidade de alfabetização em saúde digital e ciência; (3) incentivo a processos de aprimoramento da qualidade das informações, como verificação de fatos e revisão por pares; e (4) tradução precisa e oportuna do conhecimento, minimizando fatores de distorção, como influências políticas ou comerciais⁶

Para tanto, a OMS ressaltou a importância de as revistas científicas e os cientistas difundirem o conhecimento e o resultado das pesquisas científicas de maneira ampla e compreensível para a população.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA DEIXARMOS NOSSAS PROBLEMATIZAÇÕES EM ABERTO, PARA QUE O LEITOR PENSE POR SI...

Em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Larrosa (2002) tece uma distinção original e profícua sobre os sentidos que as palavras informação e conhecimento assumem sob a perspectiva do conceito de experiência. A experiência, segundo o autor: “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...] A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça” (Larrosa, 2002, p.21).

Baseado no conceito de experiência de Walter Benjamin, o ensaio de Larrosa ressalta o fato de que, no tempo atual, somos inundados por um excesso de informações e empobrecidos das experiências fortes que se relacionam ao conhecimento, pois a sociedade se organiza espacial e temporalmente de uma tal forma que dificulta a tangibilidade dessa experiência.

Já na década de 1940, o filósofo alemão Walter Benjamin analisou alguns fenômenos próprios da modernidade que estariam produzindo profundas alterações no *sensorium* e na percepção humana, tais como o acelerado processo de urbanização, a mercantilização advinda dos novos modos de produção e a difusão da técnica que proporcionou a tecnologização crescente da comunicação e conseqüentemente das palavras e, a partir disso, nos alertava que a substituição do “antigo relato” pela “informação” e da informação pela “sensação” contribuiriam para a degradação da experiência. Para esse filósofo, com essas transformações, as experiências comunicáveis fortes (*Erfahrung*) que perduravam ao longo do tempo por uma transmissibilidade intergeracional que conectava passado, presente e futuro estava dando lugar a entronização de uma percepção fragmentada, descontínua, e ansiosa por constantes novidades, que ele chamou de *Erlebnis* (vivência).

Apesar de as análises de Benjamin terem sido realizadas há pouco menos de um século, hoje não podemos negar a atualidade das mesmas, visto que suas análises não só se afirmaram no tempo contemporâneo como se acirraram. Quanto a isso, dizia Benjamin (1987, p. 118):

Aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possamos tentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes, podemos afirmar o oposto: eles devoraram tudo, a cultura, e os homens, e ficaram saciados e exaustos. Vocês estão todos tão cansados – e tudo porque não concentraram todos os seus pensamentos num plano totalmente simples, mas absolutamente grandioso!

Fundamentado nas análises de Benjamin, Larrosa (2002) contrapõe a informação da experiência. Ratificando o pensamento do filósofo alemão de que a informação não deixa lugar para a experiência, o autor espanhol atesta que a informação é “quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência” (idem, p. 21). Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estarmos informados e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados “não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência” (idem, pp. 21-22). O sujeito da informação pensa que sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, e o que mais o preocupa é não ter bastante informação e estar melhor informado, porém, essa obsessão pela informação não significa necessariamente um saber, pelo menos no sentido de “sabedoria”. Deste modo, o que consegue é que nada lhe aconteça. Segundo o autor, uma sociedade fundada sob o signo da informação é uma sociedade em que a experiência está desaparecendo. Com o excesso de informação, somos levados a ter opiniões sobre tudo. Ainda segundo Larrosa (2002, p. 20):

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência.

Finalizamos esta escrita fazendo um convite para que o leitor possa criar meios inventivos de se contrapor a este estado de coisas que enfraquece nossas conexões de bons afetos e promove práticas *haters*² em detrimento de uma “cultura de paz” tão necessária nesses tempos atuais.

Acreditamos que essas mudanças estão nas nossas mãos. Ou seja, como educadores, não podemos abdicar de transversalizar essas discussões em nossos currículos. Não podemos mais nos isentar desse caráter ético e político no nosso fazer profissional. Afinal, “não é difícil ver que o nosso tempo é um tempo de nascimento e trânsito para uma nova época” (Hegel, 2010, p. 41). Deixamos aqui nossa última questão: como educadores, que passagens pretendemos abrir para que o trânsito do conhecimento flua, criando nascimentos que estão por vir nas novas épocas?

Artigo recebido em: 13/03/2024

Aprovado para publicação em: 10/10/2024

FACT OR FAKE (?): PROBLEMATIZATIONS FOR THINKING ABOUT CONTEMPORARY EDUCATION

ABSTRACT: This is a writing/invitation, especially for those involved with Education. In it we present some theoretical analyzes regarding practices evidenced in Digital Culture that reflect o

the ways in which we have apprehended things in the world. We seek to bring to the scene some concepts specific to this Culture with the aim of making the reader aware of issues that can contribute to teaching that restores the "Right to Look" to our children and young people. To this end, we used scientific articles and classic authors as sources so that, when placed in dialogue, they provided a reading experience that promotes countervisualities to the hegemonic visualities of our time.

KEYWORDS: Information, Misinformation, Fake News, Knowledge

REALIDAD O FALSEDAD (?): PROBLEMATIZACIONES PARA PENSAR LA EDUCACIÓN CONTEMPORÁNEA

RESUMEN: Esta es una invitación dirigida especialmente a quienes se dedican a La educación. En ella, presentamos algunos análisis teóricos de prácticas evidenciadas en la Cultura Digital que reflejan las formas en que hemos aprehendido las cosas en el mundo. Hemos intentado poner en primer plano algunos conceptos propios de esta cultura, con el objetivo de *mostrar* al lector cuestiones que pueden contribuir a una enseñanza que devuelva a nuestros niños y jóvenes el "Derecho a Mirar". Para ello, hemos utilizado como fuente artículos científicos y autores clásicos para que, puestos en diálogo, proporcionen en una experiencia de lectura que promueva visualidades contrarias a las visualidades hegemónicas de nuestro tiempo.

PALABRAS CLAVE: Información, Desinformación, Fake News, Conocimiento.

NOTAS

- 1- Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula/noticia/debate-collor-x-lula.ghtml>>. Acesso em 20 out. 2024.
- 2- Um *WebApp* é um *site* que se comporta como um aplicativo. Pode ser acessado como qualquer outro site navegador e tem comportamento responsivo com *layout* adaptado para *smartphones*.
- 3- *Bots*, mais conhecidos como robôs de internet, são sistemas informáticos que automatizam determinadas rotinas e ações com a finalidade de reunir e difundir informações com diferentes propósitos.
- 4- Um algoritmo é uma sequência finita de instruções que buscam resolver um problema. Exemplo: quando acessamos e interagimos com um link, outros algoritmos são acionados indicando informações similares aquilo que procuramos.
- 5- *Mediatização* é um conceito que se refere ao processo pelo qual a mídia exerce influência e se torna uma parte integrante da sociedade, afetando várias esferas da vida cotidiana, cultura, política e social. Esse fenômeno implica não apenas a presença da mídia na sociedade, mas também a maneira como ela molda e é moldada pelas dinâmicas sociais.
- 6- Deliberações da OMS em julho de 2020.
- 7- Os *haters* são pessoas que utilizam a internet como palco para expressar seu ódio, raiva e ressentimento. Eles são conhecidos por fazerem comentários negativos, ofensivos e desrespeitosos, muitas vezes de forma anônima.

SOUZA, A. C. de; SILVA, D. de M. e; SILVA, L. D. da

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, H., GENTZKOW, M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspective**, v.31, n.2, p.211–236, 2017

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “Fake News”: distinções, diagnóstico e reação. **XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB**, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

EWALD, F. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Orelha do livro).

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 5ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRANCESCO, N. N.; LEONE, S. D. Educação midiática contra “Fake News”. **Revista Científica UMC**, Mogi das Cruzes, v.5, n.1, p.1-15, fev. 2020.

GALHARDI, C. P.; FREIRE, N.P.; MINAYO, M.C.S.; FAGUNDES, M.C.M. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 4201-4210, 2020.

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. Brasília, v.29, n.4, p.1-4, 2020.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

HEGEL, F. **Jürgen – Eckardt Pleines**. Pernambuco: Massangana, 2010.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 19, p.20-29, 2002.

MIRZOEFF, N. O direito a olhar. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. de P. Em busca do significado da desinformação. **Revista de Ciência da Informação**, v.15, n.6, p.1-7, 2014.

ALESSANDRO CAMARA DE SOUZA: Doutorando em Ciências, Tecnologias e Inclusão, Mestre em Ciência Política e Graduado em Ciências Sociais – todos pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da rede pública municipal de Niterói, Consultor em Audiodescrição e Bolsista da Fundação CECIERJ.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4770-9474>

E-mail: camarasouza@gmail.com

DAGMAR DE MELLO E SILVA: Professora Associada da Universidade Federal Fluminense - Faculdade de Educação/SFP, professora permanente dos programas de Pós-graduação Doutorado em Ciências, Tecnologias e Inclusão (PGCTIn) e de Pós-graduação Doutorado em Educação (PPGE).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5863-3607>

E-mail: dag.mello.silva@gmail.com

LEILIANE DOMINGUES DA SILVA: Doutoranda em Ciências, Tecnologias e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Professora substituta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3764-8818>

E-mail: leilianedomingues@gmail.com
